



Carla Dias

estopim

[*sic*]

1ª edição
São Paulo, 2012

Produção editorial Debora Barbieri (coord.)
Juliana Garcias
Beatriz Soares

Diagramador Maressa Izaia e Verônica Onuki

Assistência editorial Mônica Suguiyama

Revisão Viviam Moreira

Capa Jorge Zugliani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dias, Carla

Estopim / Carla Dias. – 1.ed. – São Paulo : [sic], 2012.

1. Romance brasileiro I. Título.

12-07734

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira 869.93



À Rubia Elias por ter me escutado, enquanto criava os personagens deste livro, com toda paciência e, às vezes, incenso e coca-cola. Ao Bruno Lucchese por ter me inspirado a prestar atenção à arquitetura da cidade, permitindo-me abrir os olhos para enxergá-la além do cinza. Ao Paulo Renato Pirozzi e à Raquel de Assis Pirozzi pelos longos bate-papos sobre tudo, todos e nós. À Josie Cardoso pelo apoio e por acreditar nas minhas jornadas literárias. Ao Eduardo Xavier pelo humor atinado, que sempre esteve presente nas nossas conversas sobre banalidades e importâncias. À Vera Figueiredo por me ajudar a mergulhar no universo da música. Ao Jander Minesso, que aprendi admirar pela sabedoria anciã tatuada na juventude das suas experiências, o primeiro a ler este livro e autor do prefácio que neste bem cabe.

Dedico em tom de agradecimento.



nós que seguimos por seguir

Um vendedor de produtos de beleza. Uma balconista de videolocadora. Uma voz no telefone. Estranhos, tão distintos e tão distantes como estranhos podem ser. Histórias que se cruzam, mundos que se cruzam. Laços. Pessoas.

Sei que um livro é bom quando eu termino a leitura e consigo resumilo em uma frase. Quanto mais curta, melhor. Foi assim quando li *A Metamorfose*, *O Velho e o Mar*, *Coraline*, e agora com *Estopim*. A frase está lá no finalzinho, na citação do Saramago: “ser humano”. E vejo aqui este “ser” como verbo.

Acredito que este seja o grande barato de ler um livro, ver um filme... Pegar a mensagem que há por trás de tudo. Se possível, assimilá-la para levar a ideia conosco. Acho que é uma boa maneira de crescermos. Não a única, claro, mas ainda assim funciona.

Sobre a passagem do tempo: no começo, fiquei incomodado com o excesso de meses e anos que passavam em uma única linha. Só que, conforme a leitura foi seguindo, percebi que acontecia no livro algo que às vezes acontece com nós mesmos; passam os anos e não percebemos as mudanças sutis que vão ocorrendo. Tudo parece igual até que, num certo momento, olhamos para trás e percebemos que tudo está diferente.

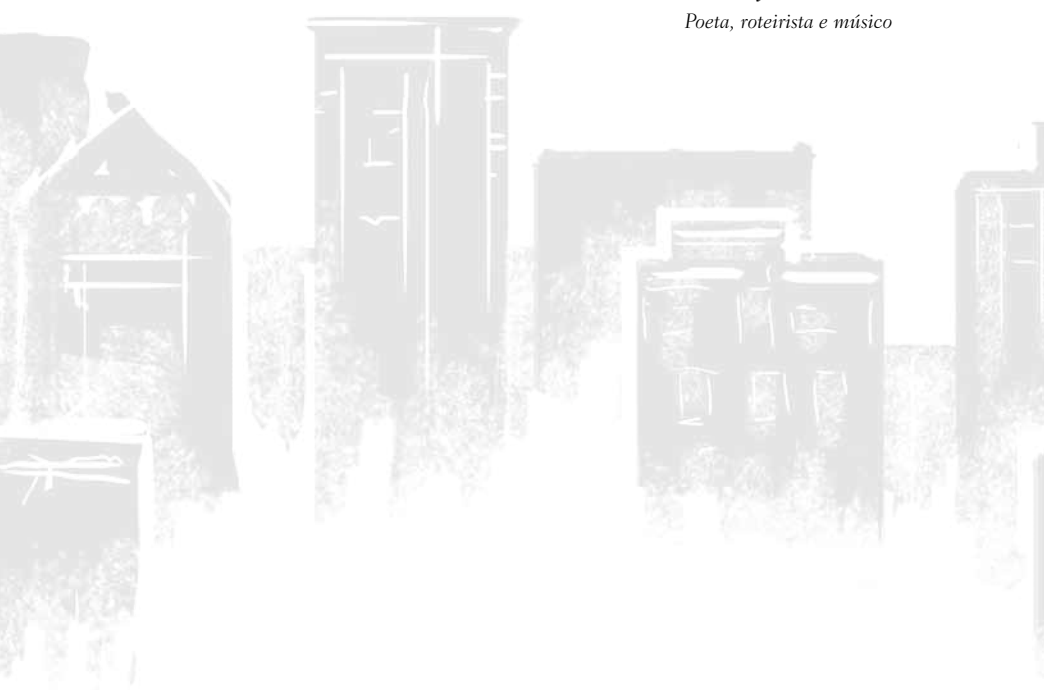


Uma das coisas fantásticas no *Estopim* é que, a meu ver, ele não cabe em nenhum rótulo. O livro tem elementos de romance dramático, momentos de romance psicológico e também muita coisa de policial. E, o que é melhor, a salada funciona! A transição entre um estilo e outro é tão bem-feita que mal se percebe! Tudo isso acaba colocando mais um ponto a favor da história: ela não é previsível. Aliás, costuma virar de ponta-cabeça no espaço de uma linha. Fantástico.

Estopim é isso. É uma deliciosa viagem pelo caos urbano, pelos laços e enlacs que aproximam estranhos, pela dor e pelo prazer de viver. Uma viagem pelos cantos escuros da mente humana e pela selvageria das metrópoles. É romance, é mistério e é também psicologia. É poesia. E, acima de tudo, é um lembrete para nós, seres humanos. Nós que muitas vezes nos esquecemos do simples (?) fato de estarmos vivos. Nós que nos deixamos carregar pela correnteza da mesmice, da rotina. Nós que seguimos por seguir.

No fundo, talvez, sejamos todos Olavos, esperando pelo estopim que nos fará saltar da cadeira de espectador para cairmos no palco da vida, junto àqueles que nos ajudam a contar a nossa história. Estranhos, como nós. Distintos. Distantes. Pessoas, enfim.

Jander Minesso
Poeta, roteirista e músico



a senhora e a avenida

“Não permita Deus que eu morra
Sem ter visto a terra toda
Sem tocar tudo que existe
Não permita Deus que eu morra triste”

Da canção “Oração do anjo”, de Ceumar e Mathilda Kóvak

Atravessando a Avenida Paulista fora da faixa de pedestres. Somos estranhos conectados pela contravenção das mãos dadas. Às vezes, olha para mim e sorri como se me conhecesse desde antes. Como se aqui eu estivesse para ser ninguém mais do que o detentor da habilidade dos que atravessam avenidas sem observar os semáforos. Acontece que ela me desarma com esse olhar, e eu aperto levemente a sua pequena mão. Ela se sente protegida.

Colocamos os pés na calçada e ela suspira, aliviada por sua jornada ter terminado sem mortos ou feridos. E não solta a minha mão, enquanto discursa sobre o filho que lhe partiu o coração ao renegá-la, aquele que nunca vem visitá-la, não está ao lado dela, não a ajuda a se entender com as despesas, tampouco com as contas do terço. *Que Deus o guie*, e faz o sinal da cruz, libertando minha mão, finalizando a benfeitoria.

Cinquenta anos depois, e com oitenta e três já completos, ela atravessa avenida com a ajuda de um desconhecido. Ainda tenho uma raspa de paciência para os outros, sem contar que é fato eu não estar de olho na bolsa dela, pendurada em um braço miúdo, gritando para ser afanada. Posso até arriscar a dizer que, hoje, eu sou a boa sorte dela.

A senhora é tão eloquente, que eu passo a me sentir um tanto furioso com o filho dela. Não sou intrometido, quero mais que cada um viva a própria vida, sem que eu tenha de participar dela, mas como pode essa pessoa sumir do mapa e deixar a própria mãe atravessando avenida assim, sozinha? Encolhida na sua história de vida? No entanto, a sensação passa tão rápido quanto chegou, porque também compreendo o quanto pode ser difícil conviver com as grades do amor exagerado, do afeto desmedido, da proteção exacerbada, essas prisões mais fáceis de perdoarmos quando decretadas pelas mães, e que nem por isso são menos sufocantes ou injustas.

E, então, passo a não prestar atenção ao que ela diz. Já disseram que me distraio fácil demais, e que isso acontece até mesmo quando as outras pessoas estão falando sobre assuntos importantes para elas, às vezes, até para mim. Fui catalogado péssima companhia, porque interagir me aborrece, e eu acabo sempre na companhia de mim mesmo.

Eu vivo bem com isso.

E me esforço para voltar a dar a devida atenção à senhora, até porque ela me cutuca para ter certeza de que entendi o que ela disse. E tenho a impressão de que ela fora sim uma boa mãe para o seu rebento, ao menos até ele cair no mundo. Lembro-me de que minha mãe acreditava – e fazia propaganda da certeza – que a impressão que se tem do outro, obviamente, deve ser levada em consideração. Porém, ela nunca deve servir de definição sobre o outro. *O ser humano é complexo de tão simples que se imagina*, ela dizia, *e não há como traduzi-lo com base em nossas próprias premissas. Para saber dele, é preciso conviver com o outro, tatear os seus remendos, perceber os seus abismos, contemplar as suas alegrias. E assim, talvez, seja possível alcançar um esboço sobre quem é o outro.* Foi dessa forma que aprendi a duvidar das certezas.

Com seu falar agridoce, seu olhar dolente, talvez a senhora esteja apenas interpretando um dos seus papéis, e não o principal. Talvez suas histórias sejam apenas invenções emocionais, e o seu filho a esteja esperando, em casa, preocupado por não saber onde ela está. Talvez esta seja a máscara do dia dessa senhora e ela esconda outras, quem sabe, em uma das gavetas do armário da cozinha. Na caixinha de costura?

Ela sorri e me dispensa, cochichando que precisa ir, senão chegará tarde à casa da sua comadre, *e hoje é dia de bordado, meu filho. Dia de desenhar o mundo do jeito que a gente quer, em panos de prato, toalhas de mesa, sendo bem servida de café fresco.*

Na minha percepção desmazelada, enquanto ela some entre a multidão, eu só consigo pensar sobre como seria este mundo bordado que ela mencionou.

Quais seriam as suas cores, as linhas, a lógica, os sonhos?

Por que essa senhora me inspirou a pensar em mim? E não apenas por egoísmo, porque sempre confundimos nossas carências com a dos outros, colocando-nos como personagens principais em histórias nas quais somos apenas espectadores. Por que agora?

Agora é relativo, não é mesmo? O tempo sempre me manteve à mercê das durações e dos fins. Ele sempre me cercou com as suas charadas, portanto, talvez não seja desde agora que eu me sinta assim, afoito, desconcertado. Desde quando, então? Em algum momento não me senti dessa forma?

A cidade, empapuçada de tanta rotina, exhibe-se para mim, provando que me acolhe, mas não é responsável pela pessoa que venho construindo, este eu desbotado. E enquanto caminho, sinto a vida me apertando o peito, procurando nas bordas da minha existência um pouco que seja do quê? Alegria em tê-la, inteira e cheia de planos para mim, planos que insisto em descartar. Por que nos são oferecidas as escolhas, não? Como a de bagunçarmos a cabeça da vida e fazermos nossos próprios planos, usando as suas armadilhas em proveito próprio, ou de simplesmente caminharmos sob ela, como que rastejando para que a vida nunca nos toque inteiramente, apenas nos alcance, vez ou outra.

Sim, sou dos que rastejam.

do outro lado de mim

*“Hello darkness, my old friend
I come to talk with you again
Because a vision softly creeping
Left its seeds while I was sleeping”*

Da canção “The sound of silence”, de Paul Simon

Nesta cidade repleta de diversidade, detentora de rótulos destinados às metrópoles, inclusive o de conter certa frieza em seu balaió – no qual repousam a origem de tantos –, eu vivo e sobrevivo, recupero o fôlego. Por que morro de amores por este lugar é mistério até para mim. Enquanto muitos fogem de São Paulo, eu a investigo, a descubro, diariamente. Aqui me sinto em casa, ainda que fragmentado, deixando um pouco de mim em cada esquina.

Após a boa ação do dia, aperto o passo rumo ao trabalho. Atrasado, como sempre, devido ao cansaço que é resultado das boas horas que gastei em um bar, em companhia de uma boa bebida, noite passada. Carrego comigo a compreensão mais profunda de que o tempo passa rápido demais quando não estamos atentos a ele.

Sou frequentador assíduo das festas de desconhecidos. Estou sempre pronto para compartilhar momentos com estranhos que não perguntam sobre a sobriedade da minha vida cotidiana. Enlouqueço, mas às vezes é apenas uma questão de ritmo, de não querer me sentir fora de catálogo. A verdade é que eu não passo de um itinerante, um observador da diversão alheia. Nem sempre sei o que é comemorado nessas festas, porém nunca deixo de fazer um brinde ao acontecimento. Basta gritar as palavras mágicas, *um brinde ao acontecimento!*, o copo cheio sendo balançado ao ar, e já não me olham mais como o intruso, mas como o homem que se atreveu a erguer a voz na multidão. Torno-me o desconhecido bem-vindo.

A culpa por essa peregrinação pelas festas e pelos bares é quase totalmente do André, quem me ensinou a observar a vida como se estivesse a passeio, sem importar se, daqui algumas horas, eu tenha de voltar para minha realidade e suas urgências, suas exigências.

Somos amigos desde o primeiro segundo de vida. Eu e o André nascemos no mesmo dia e hora. Nossas mães, companheiras de hospital, não saíam de perto da gente. Acabaram amigas inseparáveis, que se separaram três anos depois do nosso nascimento, quando a mãe dele enlouqueceu e fugiu de casa. Não soubemos mais dela, desde então.

Quando André completou vinte e um anos, o pai se suicidou. Meu amigo ficou órfão de mãe desaparecida e pai morto e enterrado, e herdou uma considerável fortuna. André ainda não sabe se culpa a si mesmo pelo suicídio do pai ou por tê-lo atrasado dezoito anos no feito, já que o bilhete suicida alegava que ele estava infeliz, desde que a esposa partiu, e que somente agora, o filho adulto, capaz de cuidar do seu legado, teve coragem de também ele ir embora de vez.

Ainda assim, concluímos, eu e o André, que o pai o amava muito. Passar tantos anos sem cometer suicídio, só para garantir ao filho uma vida adulta bem estruturada, é coisa de pai que ama muito a cria, mesmo que com a alma amputada. E enquanto bebemos em memória do Sr. Cavalcante, o pai empenhado, fazemos pausas para lembrar do bonachão que ele sempre foi. *Saúde!*

Saudade.

André, diferente do pai, sempre foi sossegado. O Sr. Cavalcante enriqueceu na lida, passando de pedreiro a empresário bem-sucedido, em anos encarando dificuldades. De herança, deixou para André uma cadeia de restaurantes de primeira categoria, distribuídos pelas principais capitais brasileiras. Quando se casou com Olga, ele já era homem de posses, mas isso não importava. De acordo com a minha mãe, Olga era uma mulher passional, que teve seus sonhos castrados pelo casamento arranjado, para propiciar bons negócios, seguido por uma gravidez indesejada. Então, ela escolheu uma saída: fugiu.

Dessa parte da história o André nunca soube, e eu preferi que assim continuasse. É melhor ele achar que a mãe teve um colapso nervoso e caiu no mundo do que saber que ela era infeliz a ponto de abandonar marido e filho para todo o sempre. E foi assim, no abandono imediato e no homeopático, que nasceu esse André, meu amigo intelectual e despreocupado. Sei que ele tem lá as suas carências, que dinheiro nenhum pode amansar tampouco comprar, mas ele tem se saído bem. É uma pessoa íntegra com um coração enorme.

André está profundamente envolvido com a vida noturna da cidade. Da cama à mesa, ele está inteirado até mesmo das novidades de quinta categoria, mas que exigem pagamento em dólar. Portanto, acompanhá-lo é cair nos cantos da cidade, os que mais se esquivam dos mapas, e ser observado pela polícia, sendo fato ele ser amigo da maioria dos policiais que costumam abordá-lo. A meu ver, isso torna a mim o lado nada atraente da moeda, um cão de guarda, razão pela qual eu corro, tropeço e esbarro nas pessoas, e

ainda assim elas não me notam. Mas não lamento, porque essa capacidade de passar pela vida em branco é resultado de uma escolha que fiz.

Coloco as reflexões de lado, compro um cachorro-quente e corro para o trabalho. Minha mão ainda sente a presença da mão da senhora abandonada pelo filho. Penso, mais uma vez, na minha mãe.

Apesar de tentar não passar dos habituais trinta minutos de atraso, acabo me superando. Chego quarenta e cinco minutos depois do horário e vou direto atender ao chamado da diretora da empresa, Amélia. Com uma feição extremamente incomodada, ela me dá uma bronca, diz que consegui bater meu próprio recorde de atraso. Explico que tive de ajudar uma senhora de oitenta e poucos anos a atravessar a rua, e ela sorri, irônica, cansada das minhas desculpas: *a velhice é mesmo um problema, não? Não, eu penso, sem verbalizar. Problema é como lidamos com ela. Não pense que sou idiota, viu? Na próxima vez, você nem entra... Vai direto para o olho da rua! Assim vai poder ajudar um bando de velhinhas.*

Sarcástica eu sempre soube que ela é, mas Amélia, a belíssima e pretensiosa mulher a quem me reporto, também ocupa o cargo de símbolo do feminismo deturpado. Sem se exaltar, sempre explica tudo o que o empregado fez de errado para que, ao mandá-lo plantar batatas, não haja um resquício sequer de dúvida sobre o quanto ela foi correta ao expor os problemas que desencadearam a demissão dele. Isso não seria tão alarmante não fosse o brilho de prazer que baila nos olhos dela durante o monólogo que precede a demissão. Todos temem a Amélia, essa que não é mulher de verdade, mas sim a perfeição estética casada, e muito bem, com a frieza de quem lida – pudores à parte – com o poder de dar e arrancar empregos.

Amélia faz algumas anotações na minha ficha, enquanto eu me identifico com o seu perfume e avanço o olhar para o decote dela. Ela me encara, sabe o que acontece. Continua séria e mantém a pose, enquanto diz, mais uma vez, que é a minha última chance, que se não trabalhar direito, se não chegar no horário, ela me dispensará.

Eu me formei em História, e até então a sobrevivência era uma necessidade. Trabalhava no que aparecia, alimentando, ainda que de forma humilde, o desejo de me tornar historiador. Porém, este desejo desbotou com o passar dos anos, apesar de eu realmente gostar do que estava estudando. É que compreendi que a vida poderia ser muito mais tranquila se eu vivesse com o que ela oferecesse, ao invés de correr atrás de grandes realizações. André definiu essa minha decisão como a maior idiotice que já fiz na vida. Mas a verdade é que, depois que parei de desejar mais do que recebia, parei de sofrer tanto com a falta do que não tinha.

Não há o que eu aprecie no meu trabalho. Nada nele me faz sentir qualquer tipo de prazer. Desta forma, eu não sinto a necessidade de ser melhor do que outros, de fazer plano de carreira, de almejar outros cargos. Eu trabalho apenas para pagar as contas, e gasto pouco, vivo com quase nada. Eu sou operador de telemarketing, e o maior desafio da minha profissão é saber ler o texto programado como se ele fosse de minha autoria, mesmo que ele em nada me agrade. Eu vendo produtos de beleza pelo telefone para mulheres de todos os tipos e idades, das dondocas às que adoram flertar com a voz de um estranho. No horário comercial, ligo o piloto automático e executo a função, garantindo o pagamento do aluguel, da água, da luz, do telefone.

Sobrevivo aos reveses da minha biografia.

Amélia é a responsável pelo departamento ser formado somente por atendentes homens. Ela acredita que as mulheres se sentem envaidecidas quando um homem explica a elas que determinado produto tem o poder de deixá-las mais belas do que elas já são, partindo do princípio de que a mulher do outro lado da linha flertará com a própria imaginação, chegando a pensar que o homem comum a falar com ela é sim um deus grego, o belo a mostrar a ela como seduzi-lo.

O incômodo de Amélia com a minha pessoa é por eu ter entrado em sua vida por conta de um pedido pessoal. Encontrei o Luiz, colega da faculdade, na padaria, quando tomava café da manhã. Ele me perguntou o que andava fazendo, *procurando emprego*, eu confessei, e ele logo se propôs a me ajudar. Falou sobre a mulher com quem andava saindo, *linda e destemperada*, prima da esposa dele. Ela acabara de se tornar diretora de uma empresa de telemarketing e estava contratando novos membros para sua equipe. Uma semana depois, tive uma reunião com a Amélia. Apesar de não ter se entusiasmado comigo – ela estava mais que entusiasmada era com o Luiz –, fui contratado. Nos dois meses que se seguiram, ela me suportava, mas depois, quando seu caso com o Luiz acabou, Amélia deixou de lado a diplomacia e passou a demonstrar o quanto me queria longe.

Depois de fazer a primeira ligação, o dia segue seu curso. Cumprir a meta, garantir o mínimo para levar uma vida digna, é o que me proponho a fazer. E apesar de chegar atrasado, de provocar a Amélia com meu desdém pelo trabalho, sou ótimo no que faço, ainda que me sinta um bicho amestrado ao dizer o texto decorado, sem considerar em nada a pessoa que escuta as bobagens que digo, apenas para vender produtos de beleza.

17h45min

Apenas quinze minutos e estarei a salvo desse inferno escolhido. Uma ligação, preencher o relatório e o dia estará acabado, com meta alcançada.

Para minha sorte, é uma mulher que atende ao telefone. Sem deixar que ela diga algo mais, começo a falar o texto pronto: *Boa tarde, meu nome é Olavo e a senhorita tirou a sorte grande! Sou representante dos produtos de beleza Lumturi e gostaria de lhe oferecer a chance de ficar mais bela do que certamente a senhorita já é!*

Silêncio. Normalmente, é nessa hora que a pessoa do outro lado diz que não quer saber de produtos de beleza ou desliga o telefone na minha cara. *Oferecemos cinquenta por cento de desconto aos clientes especiais... Como a senhorita!*

Sinto-me um idiota falando com alguém que não se manifesta, lendo um texto padrão que não é mais ridículo por falta de competência dos incompetentes que o escreveram. Mas vou até o final. Apenas mais uma ligação, certo? Depois que termino meu monólogo, faço uma pausa e ela começa a falar.

Irônica, anuncia que não é senhorita, mas senhora. Pergunta se já usei os produtos que tento vender a ela, *o resultado foi bom? Você ficou satisfeito?* Está claro que ela quer me constranger, enquanto operador de telemarketing – sem resposta redigida para as perguntas dela –, e enquanto homem. Então, improviso: *a nossa diretora usa somente produtos Lumturi. A pele dela é linda... Tenho certeza de que você gostaria do resultado dos cremes para tratamento facial, hidratantes... Senhora.*

Sei que não posso vê-la, mas percebo que ela sorri, porque o que ela diz, em seguida, chega mais leve, apesar de não menos inquiridor. *Você pode ter se saído bem na resposta, mas ainda assim está tentando vender produtos de beleza como se eles fossem mudar completamente a minha biografia. Isso é quase uma ofensa.* Impaciente, desisto da cliente, da sua postura libertária mediante ao capitalismo da beleza. Resmungo, *tudo bem, então* e ela me incita: *como você se sente vendendo mentiras?*

A ideia de ser um vendedor de mentiras me tira do sério. Não sou responsável pelo o que as pessoas fazem com seu dinheiro, e essa mulher não tem o direito de me delegar essa culpa. Ainda assim, apesar de nervoso e incomodado, eu sei que ela não está totalmente errada, o que não me deixa mais calmo.

O meu trabalho tem mais a ver com vender uma ideia do que um produto que realmente traz resultados. Funcionários e donos sabem que a Lumturi é uma empresa especializada em produtos de qualidade duvi-

18

dosa, mas com uma equipe de marketing tão forte, que ocupa o primeiro lugar em vendas das marcas especializadas em cosméticos.

Nossos produtos são realmente de qualidade, insisto, mas ela me enfrenta, pergunta se não me incomoda fazer um papel tão pequeno na vida. E que ela não é de resolver seus problemas comprando produtos de beleza, que essa não é uma terapia válida para ela. Deve ser realmente perturbador ter de bancar o príncipe encantado só para vender um produto, não? E antes de responder, atendo-me aos meus pensamentos. É o meu trabalho, senhora... Todos têm de fazer o seu, não é? E ela suspira, mas tão profundamente, que me parece que ela vai desaparecer.

Conversas existenciais não faziam parte do meu plano, quando comecei a trabalhar aqui. Não me queixo que desliguem o telefone, antes mesmo de eu terminar de ler o texto, ou que me mandem encher a paciência de outro. Porém, questionamentos existenciais, em horário comercial, incomodam-me.

Cabe a quem, então? Cabe a quem discutir a relação entre o operador de telemarketing e a pessoa que ele está incomodando? Voz arrastada, cansaço iminente. O emprego não é seu? Não é você quem fisga essas mulheres com esse charme falseado, enquanto seu único desejo é que o dia acabe logo? A minha paciência quase esgotada, engulo a seco, respiro fundo. O cliente tem sempre razão, principalmente quando ligamos para ele. Ainda assim, saio do texto e do contexto. Destrambelho mesmo, e, nervoso, um tanto esgotado, faminto, mudo o tom da conversa. Se não deseja comprar os produtos, tudo certo, minha senhora, mas dispense o sermão. Eu tive um dia cansativo e quero sim que ele acabe logo. Aliás, já passaram cinco minutos do meu horário de saída...

Desligo o telefone.

Meus amigos de prisão se calam para ouvir o que tenho a dizer, mas desta vez não me pronuncio. Não vou dizer que a cliente é uma idiota, que só não consegui fechar a venda porque eu não quis, porque não quero mentir além do necessário para fazer meu trabalho. A cliente, esta cliente, tinha razão, apesar de ser uma razão que não me cabe defender... Cabe? E de saldo, fico apenas com a sensação inevitável de ter sido definido por uma estranha, e da pior maneira possível.

o amigo da minha infância

“Sinto que os dias prenunciam
verdades fatais.
Ah! Se esses heróis e amigos
Não sentissem sono assim”

Da canção “Fumaça”, de Claudio Lucci

André abre a porta e me lança um olhar zombeteiro. *Você jurou que não viria hoje...* Ele percebe que meu humor não está dos melhores, mas não liga para isso. *Desde quando você acredita nas minhas promessas?* Ele tem o dom de ignorar os meus momentos sombrios, como se nada estivesse acontecendo, porque acredita que eu sou assim por opção: ensimesmado demais, emburrado demais, genioso demais, e que, quando éramos mais jovens, havia uma versão menos amarga de mim. Entro, sem dizer uma palavra, e vou até a varanda, onde há um grande e confortável sofá, no qual me sento, espalho-me.

Aquela quase cliente conseguiu me tirar do sério ao tentar me definir com suas perguntas, como se pudesse colocar valor em mim. Mas eu mesmo não faço isso? Não coloco valor nas mulheres que seduzo com produtos de beleza caros e ineficazes? O que a tal cliente fez, e que me deixou muito incomodado, foi misturar o operador de telemarketing com o Olavo. Ela pode não saber, mas são duas pessoas completamente diferentes.

Conto o ocorrido ao André, com detalhes, que é para ele compreender o motivo da minha delinquência emocional, mas então me deparo com a contemplação do exagero meu. Como eu permiti me abalar tanto por alguém que nem sequer conheço?

André me serve vinho, *you precisa relaxar, porque está com olhar de gente maluca.* Ele se senta ao meu lado, tranquilo, complacente. Ficamos em silêncio por algum tempo, observando o céu que se abre a nossa frente. André me diz que tenho de tentar ser mais acessível às pessoas, porque assim eu passaria por menos momentos em que acredito que elas são minhas inimigas. *Foi apenas um dia complicado, com uma conversa por telefone que você não esperava. Não o fim do mundo.*

O lado zen de André me parece um exercício complicado para se manter na própria pele, não se transformar em outra pessoa. Desde que herdou a empresa e a fortuna do pai, ele tem procurado um equilíbrio existencial que lhe permita, apesar de toda a responsabilidade, viver a própria versão de si.

Com a voz mansa que lhe cabe, ele comenta que Alexandre chegará daqui algumas semanas. E se consegui ficar em paz por alguns minutos, amparado pelo vinho e pelo silêncio, já não é mais o caso. Eu dou de ombros, resmungo que não tenho nada com isso, e ele fica bravo, polidamente bravo, porque é assim que ele sabe se exaltar: educadamente. *Até quando isso vai durar, Olavo?*

Realmente não sei.

Alexandre voltará ao Brasil no momento que não estou pronto para lidar com ele. Não sei se estarei em algumas semanas, meses ou anos. Não sei quando conseguirei encarar tudo o que vem na companhia dele.

André começa a contar histórias que reconheço, mas parecem ter sido vividas por outros, que não eu, Alexandre e ele. Acredito que a experiência dele ainda lhe faça jus, mas não a minha. Para mim, é como se André tratasse Alexandre com a intimidade e afeto que não se oferece aos estranhos. E ele não se intimida diante da minha cara amarrada, continua seu projeto pessoal de me convencer de que eu devo, de qualquer maneira, perdoar e seguir adiante.

Quando comecei a trabalhar como operador de telemarketing, André surtou. Há anos que ele vem me oferecendo um cargo de confiança na empresa dele, e encarando a minha resposta negativa. Com tantos restaurantes espalhados pelo Brasil, certamente eu viajaria muito, descobriria lugares e me embrenharia em diversas culturas. Mas estes são sonhos que compartilhei com ele quando éramos moleques de tudo, jogando bola no ferro velho. Foi antes de os abandonos terem me transformado, alimentando-me com o desejo de levar a vida sem estabelecer grandes realizações ou buscar significativas parcerias. Eu não quero ser colega de trabalho do meu amigo de infância, não quero que ele seja meu chefe, o provedor do meu holerite.

Com a notícia da chegada de Alexandre, apoderou-se de mim um sentimento que pensei jamais sentiria na vida. Quando André me deu a notícia de que meu irmão viria ao Brasil, passei a cultivar uma inquietação tão profunda, quase dolente. O que acharia de mim hoje o meu irmão mais velho, depois de duas décadas de distanciamento? O famoso astrônomo, formado na Espanha, reformulado pelas boas maneiras europeias, competente nos assuntos que exigem um quê filosófico. Como encararia a simplicidade da vida que levo e a mediocridade dela, tendo como referência os sonhos que, quando crianças, sonhamos juntos, e que, adultos, somente ele realizou?

André insiste que sou um tolo, que meu irmão não é nenhum criminoso, que será bom rever Alexandre. E que preciso aprender a aproveitar a companhia dele, escutar o que ele tem a dizer sobre a experiência de vinte anos morando em outro país. Vinte anos, desde que nos vimos pela última vez. Meu amigo pode parecer, sob o olhar alheio, somente um playboy que gosta de gastar seu dinheiro em farras homéricas, mas ele não é apenas isso. Assim como seu pai, André é das pessoas mais gentis, um sentimental com facetas de canalha, e que luta para não ser enganado tão facilmente.

Ele só teve mais sorte, Olavo, ele tenta peneirar a discórdia. Mas se, como o André disse, o Alexandre não é nenhum criminoso e merece um pouco da minha atenção, intriga-me ainda mais a distância que ele impôs a nós.

Com o salário que recebo trabalhando na Lumturi Cosméticos – e morrendo de tédio – eu pago as despesas essenciais. Às vezes, sobra algum para um passeio mais interessante, mas é raro. Por isso, faço bicos na casa do André. Banco o jardineiro, o copeiro, atendo telefonemas que ele não quer atender, e assim ganho um tipo de salário. Ele não é meu chefe, não manda nos meus horários, e isso não coloca em risco a nossa amizade e permite que ele me ajude e se sintam bem.

Nós temos a mesma idade, somos amigos desde sempre, e vivíamos uma realidade social e financeira compatível, quando crianças. O pai do André criou algo, tornou o filho um milionário. O meu pai foi embora quando nasci e sem deixar sequer lembranças para eu remoer.

André acha que vender produtos de beleza é coisa que mulher sabe fazer direito, que é ridículo eu tentar compreender a complexidade disso, porque sou homem. A questão não é essa e sim a falta que ele sente da minha companhia. Por isso tenta me manter sempre por perto e boicota os trabalhos que consigo. Sou o único em quem ele confia. André tem esse jeito de quem é dono da verdade que não deixa de ser divertido. Alguém que nunca vive na pele as dores que realmente doem, porque, antes de acontecer qualquer problema, ele saca o cartão de crédito e pronto, coloca em prática aquele olhar de quem tudo sabe, menos o que fazer com tanta informação. André deixou a pobreza no passado, o que não torna meu amigo uma pessoa fútil. Há qualidades nele das quais intelectuais, políticos, militantes, filósofos, os filhos de Deus e adeptos dos demônios adorariam se apossar. E não tem a ver com dinheiro.

André também tem um talento todo especial para me descrever. Sabe de mim o tudo, pode até escrever a minha biografia. Mas ele também

sabe que de nada valeria registrar os passos de um homem que aprendeu, cedo demais, a não se importar com o que viria, contanto que isso não prejudicasse outra pessoa, somente a ele. André costuma dizer que sou um sofredor solitário, que nasci para ser anti-herói, antitudo, antitodos.

A conversa com André acaba tomando um rumo filosófico, já que finalmente estamos bêbados. Insisto que eu adoraria sumir, e André me dá um tapinha nas costas, dizendo *do jeito que você anda, vai conseguir*. Diz que, daqui a pouco, vou andar pelas ruas e ninguém vai me enxergar, e que a companhia de telefone vai cancelar a minha linha, não por falta de pagamento, mas de uso. Ele tem certa razão nisso, porque, ultimamente, tudo o que tenho feito é ensimesmar-me, é fazer de conta que não existo até para mim mesmo.

adeus, até mais ver!

*“Mãe
Vê se me desculpa a choradeira
Mas é que foi no melhor da brincadeira
Que a senhora me mandou crescer”*

Da canção “Barriga de fora”, de Kléber Albuquerque

Durante os meus treze longos e tempestuosos anos, Alexandre foi meu irmão mais velho. Éramos muito próximos, amigos, e cuidávamos um do outro. Minha mãe estava doente, e nosso pai caiu no mundo, quando ainda éramos bem pequenos. Ele encontrou uma mulher disposta a sustentá-lo de maneira mais requintada, porque minha mãe era apenas uma professora e não dava conta dos seus gostos.

Semanas antes da morte da nossa mãe, apareceu em casa um homem rico e muito bem-educado que sempre nos visitava quando vinha ao Brasil. Javier Rivera era matemático em Madri, na Espanha. Desta vez, diferente das outras, ele não apenas se sentou e tomou café com minha mãe. Ela não se arrumou toda para recebê-lo, não nos mandou ficar na casa do André. Ela estava esquelética e mais lúcida do que nunca.

Minha mãe pediu que eu me sentasse ao lado dela e segurou minha mão o tempo todo. Alexandre nos olhava de longe, sentado em uma poltrona, mais próximo do homem, que estranhava tudo, inclusive a nossa presença. Imagino que, para minha mãe, a dor da doença tenha se misturado com a dor da alma, por isso a feição atordoada. Ela foi direta, não deixou dúvidas, nem sequer espaço para perguntas.

Minha mãe conheceu o estrangeiro quando ele veio ao Brasil para um seminário, na escola onde ela lecionava Biologia. Casada há pouco mais de um ano e já com sérios problemas com meu pai, caiu nas graças do espanhol, que encantava a todos com a forma como explicava a importância dos números no nosso dia a dia. Eles ficaram juntos, enquanto ele permaneceu no Brasil. Depois que ele foi embora, ela descobriu que estava grávida.

Foi assim que soubemos que minha mãe não só traía meu pai, mas também ao espanhol, já que ele, até então, nunca soubera que Alexandre era seu filho, mesmo nos visitando com frequência, principalmente depois do meu nascimento, quando meu pai foi embora. Foi assim que descobrimos que ela também nos traiu, porque tivemos de lidar com uma mudança muito significativa em nossa história de vida.

O espanhol se apaixonou por Alexandre, que sempre foi um menino muito querido por todos, de tão brincalhão e sorridente, esperto demais. Não demorou muito para que o homem aceitasse levá-lo para Madri, assumisse a paternidade. Minha mãe até tentou que o espanhol me levasse também, que cuidasse de mim como se fosse um filho, *ele é um pouco sisudo, mas também é um menino muito bom, tenho certeza de que você aprenderá a amá-lo*. Lembro-me claramente dos olhos do pai do Alexandre sobre mim, analisando, lábios apertados, feição dura. Eu soube logo que ele não me queria.

A partida de Alexandre foi uma das coisas mais difíceis com a qual tive de lidar. Nos primeiros meses, ele escrevia frequentemente para contar as novidades fantásticas, falando como Madri era linda e o quanto vinha aprendendo na companhia do pai. Nós respondíamos usando e abusando de mentiras. Minha mãe estava saudável, eu estava bem, a vida continuava... Mentiras. Quando minha mãe morreu, somente eu e uma prima dela estávamos presentes no funeral, porque André estava na Índia, e minha mãe passou tanto tempo reclusa, que as amizades foram secando, até deixarem de existir. Foi nesse dia que percebi que estava sozinho no mundo, que teria de cuidar de mim muito bem para não acabar feito o Azulão, amigo de escola: morto, jogado em algum beco. A vida estava mais cinza do que nunca. Explodiam nuances de cinza aos meus olhos. Coração chumbo.

Ao voltar do enterro para casa, recebi um telegrama:

Olavo,

Sentimos muito pelo falecimento de sua mãe. Precisando de qualquer coisa, escreva. Alexandre e Javier.

Minha mãe? Onde foi parar a verdade? Nossa mãe!

Mais cinza, mais chumbo, mais grades. E nenhuma outra carta, desde então.

A prima carola da minha mãe cuidou de mim até eu chegar à maioria e ela poder me despachar. Miriam odiava nossas discussões sobre Deus e o diabo, e a vida infernal que levávamos um na companhia do outro. Ela queria me converter, eu queria mais é que Deus me desse a conta. E ela só me aguentou para cumprir promessa a que fez a minha mãe de cuidar bem de mim, quando a pobre coitada estava sendo sugada pela morte, e pelo pânico por me deixar sozinho no mundo.

Miriam tentou me transformar em coroinha e precisei comer quilos de hóstia... *O corpo de Cristo?* Mas não foi de todo mal. Estudei e me formei, e até achei que engrenaria, só que não foi bem assim. Não consegui sequer dar aulas de História. É a realidade... Diplomas empoeirados. Sonhos empoeirados. Também é a minha realidade. Em algum momento, parei de me importar com o futuro. Culpar o país apenas abranda a auto-culpa. A verdade é que desisti de mim muito cedo.

